

CHICO MATTOSO

# Nunca vai embora



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by Chico Mattoso

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Retina\_78

Fotos de capa

Superior: Flickr/ Getty Images. Havana, Cuba.

Inferior: Lee Frost/ Getty Images. Havana, Cuba.

Preparação

Julia Bussius

Revisão

Camila Saraiva

Luciana Barraldi

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Mattoso, Chico

Nunca vai embora / Chico Mattoso. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

ISBN 978-85-359-1839-7

1. Ficção brasileira I. Título.

---

11-02979

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhidasletras.com.br

Começava a escurecer, e meu mau humor era sinal de fome. Eu estava no sofá, deitado no colo de Camila. Ela me fazia cafuné, eu reclamava do trabalho, a televisão passava um filme besta sobre catástrofes climáticas ou invasões alienígenas — talvez as duas coisas. Quando terminei de resmungar, depois de um breve silêncio pontilhado pelos grunhidos de um monstro azul, Camila interrompeu o carinho e, enquanto pescava um fiapo de lã perdido no meu cabelo, perguntou se eu nunca tinha pensado em largar o consultório. Penso todo dia, respondi, ao que ela retrucou:

— Então larga, ué.

Era a oportunidade perfeita para despejar sobre ela um pouco da minha amargura. Quis dizer tudo, que ninguém em sã consciência escolhia trabalhar com o próprio pai, que abrir um consultório custava caro, que o mercado era cruel e eu não tinha a menor chance de ser bem-sucedido arrancando molares por conta própria. Cheguei a esboçar algumas palavras, mas Camila

botou o dedo sobre meus lábios, como se eu fosse uma criança, e me convidou a ir a Cuba com ela.

Fiquei uns segundos sem reação. Dei uma gargalhada comprida, pô, Camila, você é foda, assim não dá pra conversar. Ela insistiu, não, sério, escuta, andei tendo umas ideias, lembra do projeto do meu filme? E começou a dizer que já tinha pensado em tudo, que lá era genial, que ela conhecia um pessoal que podia arrumar hospedagem barata, que a gente ficava uns dois meses e de repente eu até fazia um curso, uma especialização, sei lá, meu, vê pelo lado da aventura. Você não vive reclamando que a sua vida é um marasmo?

Eu devia ter adivinhado que aquilo ia acontecer. Uns dois anos antes, nas férias da faculdade, Camila tinha feito um curso de verão em San Antonio de Los Baños, algo a ver com documentários, cinema de não ficção. Ela se entusiasmou, voltou para São Paulo, conseguiu material de pesquisa, montou um grupo de estudos, formou-se com um curta sobre catadores de papelão que a avaliadora classificou como “delicado e arrebatador”. Não era surpresa nenhuma que agora, recém-liberta das amarras universitárias, Camila quisesse voltar à ilha que abriu seus olhos para as maravilhas da cinematografia documental e fazer lá sua estreia em longas-metragens.

O plano em princípio me pareceu absurdo, não porque fosse ruim, mas porque me obrigava a tomar uma decisão. Eu sabia que se Camila dizia que queria ir, era porque ia. Não me sentia no direito de contestá-la. Quando começamos a namorar, fui eu quem encheu seus ouvidos com discursos sobre a necessidade de um relacionamento arejado, de um ambiente livre de cobranças. No fundo, aquela era só a maneira que eu havia encontrado de preparar o terreno para um eventual sumiço da minha parte, uma tentativa de realizar o velho sonho masculino de comprometer-se sem estar comprometido. Mas talvez também fosse um jeito de

convencer aquela morena inverossímil de que eu, um trintão míope e sem futuro, carregava algo de minimamente interessante.

Ok, ok: estou exagerando. O diagnóstico sobre minha falta de futuro não é meu, mas do eminente odontologista Luiz Fernando de Oliveira Polidoro, também conhecido como meu pai. Seu repertório de ofensas sempre foi tão extenso e sofisticado que muitas vezes me vejo reproduzindo involuntariamente o mesmo discurso. Nunca pude saber até que ponto minha mãe concordava com ele. Acho que eu mal tinha saído do berço quando, numa noite de réveillon, enquanto remexia um caldeirão de lentilhas, a senhora Polidoro sentiu uma tontura e se estatelou no chão. Uma veiazinha em seu cérebro tinha se rompido, e a partir de então minha vida familiar ficou restrita às idiossincrasias do meu progenitor.

Passei a infância inteira me contorcendo para conseguir sua aprovação, até que, aos dezessete anos, numa tentativa talvez inconsciente de autossabotagem, cheguei atrasado para a última prova do vestibular para odontologia. Foi a gota d'água. Não bastava meu irrepreensível currículo escolar; não bastava ter sido o melhor aluno em todo o ginásio e colegial, dono de um desempenho tão brilhante que mais de uma vez os diretores cogitaram me fazer pular de ano. Foi necessário apenas um escorregão, o primeiro deles, para tudo ruir, como se aquela fosse a confirmação da minha imbecilidade congênita. Na época eu não soube aproveitar a oportunidade que o destino me oferecia. Teria sido o momento ideal para, diante do olhar decepcionado do meu pai, botar uma mochila nas costas e mandar tudo para o espaço. Mas eu perdi a chance. Em vez de partir em busca de opções de vida mais atraentes — causas sociais, por exemplo, ou esportes de risco, quem sabe alguma religião exótica —, resolvi procurar um novo meio de satisfazer a sanha sucessória do doutor Polidoro. Nada poderia ser mais degradante. Aos prantos, quase ajoee-

lhado a seus pés, admiti minha culpa e sugeri a possibilidade de cursar uma faculdade particular. Meu pai cumpriu o script: bufando, envergando aquela pose ao mesmo tempo condescendente e cruel, ele aceitou pagar o curso na condição de que, uma vez formado, eu fosse trabalhar para ele, pelo menos até quitar a dívida. Resultado: distante da aprovação de meu pai, mais distante ainda de minhas minguadas ambições profissionais, me vi entregue a uma existência covarde, recheada de pequenas humilhações, de cobranças desmedidas, de um espírito de competição que eu não suportava, mas era obrigado a compartilhar. Nunca recebi um elogio. Nem quando o substituía, tocando a clínica durante seus congressos no exterior, ou quando um menino desmaiou durante uma extração e eu, contrariando o diagnóstico inicial — meu pai achava que era só “frescura” —, intuí que se tratava de um hemofílico e ajudei a salvar a vida de um e a carreira de outro.

Eu sei: pais como o meu existem aos montes, isso não me torna diferente de ninguém. Toda essa lenga-lenga serve apenas para destacar o pequeno milagre que foi a aparição de Camila na minha vida. Sem perceber, ela se transformou numa espécie de biombo existencial, destinado a ocultar minhas decepções, minha miséria amorosa, meus horrores infantis — tudo isso acompanhado de um inacreditável par de panturrilhas, resultado de dez anos de estudo aplicado de balé. Eu nunca tinha sido tão importante para alguém. Nunca tinha sido encarado com tanta intensidade. O olhar de Camila ajudava a construir um Renato que eu não sabia existir, que era completamente diferente daquele que eu enxergava em mim mesmo. Acho que era isso: Camila me fazia visível. E eu nunca soube direito o que ela viu em mim.

Ainda lembro do primeiro dia, a equipe chegando no consultório, a sala de espera abarrotada de equipamentos. Ela entrou falando alto, resolvendo algum problema pelo celular. Usava um

macacão jeans que a deixava parecida com um moleque de pré-escola. Seu espírito de liderança era desconcertante. Tinha no máximo vinte anos, mas comandava os colegas com a autoridade de uma veterana. Havíamos conversado pelo telefone, ela se apresentou, disse que estudava numa faculdade ali perto, que precisava de uma sala de dentista para fazer uma gravação. Nada de mais, disse, é uma cena à toa, acho que em quarenta minutos resolvemos tudo. Concordei, depois de uma breve consulta ao doutor Polidoro, que apenas exigiu que as filmagens acontecessem após o expediente — e que ninguém ousasse se aproximar da sala dele.

Ficaram lá quatro horas. Um refletor deu defeito, o rapaz encarregado da produção esqueceu de trazer o sangue cenográfico. Não senti o tempo passar. O cotidiano naquele lugar era tão tedioso que qualquer desvio da norma me parecia uma aventura fascinante. E é claro: havia Camila. Àquela altura já tínhamos trocado algumas palavras, ela queria saber como o consultório funcionava, a quantidade de pacientes, as cirurgias mais complicadas que eu já tinha feito. Eram quase onze quando a filmagem acabou, e foi com certa surpresa que me vi correndo até seu carro e fazendo o convite para beber alguma coisa. A noite seguiu, tomamos algumas cervejas, travamos um pequeno embate sobre as diferenças entre as praias do Sudeste e do Nordeste, tirei da cartola uma ou duas piadas autodepreciativas sobre odontologia e a coisa ia ficando nisso quando, após ser convencido por ela a comer a última batata frita, consegui errar o alvo e dar com o palito na gengiva, causando um pequeno sangramento.

Camila disse que eu tinha que pressionar a ferida. Achei divertida a ousadia; era como se eu me arriscasse a explicar a ela quem tinha sido, sei lá, Orson Welles. Fiz cara de quem estava ouvindo uma grande novidade e, com ar de aluno aplicado, segui sua sugestão. Camila balançou a cabeça, levantou, veio sentar do

meu lado, disse que estava errado, que tinha que ser assim, ó — e enfiou o dedo dentro da minha boca. Soltei uma risada nervosa. Ela tirou o dedo e me beijou.

Horas depois, na cama do meu apartamento, enquanto nos recuperávamos de uma trepada breve e confusa, eu disse a Camila — acho que na tentativa de mostrar alguma cultura cinematográfica — que aquele beijo tinha me lembrado uma cena de filme. Ela perguntou qual era. Eu disse que como estudante de cinema ela deveria saber. Ela fez uma careta ansiosa, e então narrei a cena em que Faye Dunaway, na pele da viúva misteriosa de *Chinatown*, ajuda o detetive interpretado por Jack Nicholson a trocar o curativo de seu nariz. Eles acabam de chegar à casa dela. Há um clima estranho entre os dois, uma cumplicidade silenciosa, fortalecida pela recente confirmação de que o marido dela foi assassinado. Ela o leva ao banheiro e tira o esparadrapo que cobre seu nariz. Primeiro se assusta com a ferida, que não imaginava ser tão grande. Depois passa um desinfetante e pergunta se está doendo. Ele não responde imediatamente, apenas a encara de um jeito esquisito. Seu olho, ele diz — tem uma mancha na íris. Ela gagueja, nervosa, explica que aquilo é uma marca de nascença. Eles se encaram por mais um ou dois segundos — e se beijam.

Fiquei um instante em silêncio, esperando a reação de Camila. Ela se ajeitou na cama, ergueu as sobrancelhas, forjou um ar de decepção.

— Não achei nada de mais — disse, me olhando nos olhos, lutando contra o sorriso que insistia em brotar do canto da boca. Imediatamente me joguei sobre ela, agarrei seus pulsos, lancei meus dentes sobre seu pescoço. Ela gargalhava e pedia que eu parasse. Obedeci, mas continuei a imobilizá-la. Ficamos nos encarando. Sua respiração era ofegante, o sorriso irônico ainda preso nos lábios.



— O que foi? — perguntei.

— Nada. — E então, após uns segundos: — Sei lá. Acho que eu nunca fiquei com alguém assim.

— Assim como?

— Não sei — riu. — É engraçado.

— Engraçado? — perguntei, voltando a apertar seus pulsos. Ela soltou um gemido, outra gargalhada. — É porque eu sou dentista, é isso?

— Não. Quer dizer... É que eu nunca imaginei.

— E qual a diferença?

A pergunta pareceu surpreendê-la. Sua expressão ganhou um ar grave, como se ela tivesse resolvido falar sério.

— Nenhuma — respondeu. — Aliás, *absolutamente* nenhuma — e ficou me encarando, como se examinasse não apenas meus olhos, mas também meus pensamentos. A encenação não durou muito: logo vi que a risada voltava a nascer, que ela lutava com todas as forças para conseguir se controlar. Então avancei novamente sobre seu pescoço, ignorei as súplicas desesperadas, as gargalhadas convulsas, os pedidos de socorro — e começou tudo outra vez.

Em três meses estávamos morando juntos. Mais um ano e ela terminou a faculdade, e foi poucos dias depois da festa de formatura que, deitado naquele sofá, encarei o fato inapelável: se quisesse continuar com ela, teria de acompanhá-la a Havana. Resisti. Disse que essas coisas não funcionam assim, que uma decisão dessas não se toma de uma hora para a outra. Ela alegou que já tinha me falado sobre o projeto, que agora a chance tinha aparecido e não dava para deixar passar. Eu não sabia o que dizer. Me sentia egoísta por não apoiá-la, covarde por não ser capaz de dizer isso a ela, irritado por ter que levar tanta coisa em consideração, por não poder simplesmente deixar Camila ir embora ou

— o que teria sido perfeito — acorrentá-la dentro do quarto e proibi-la de sair de casa.

Não havia nada a fazer. Eu jamais teria sido capaz de admitir, mas a verdade é que Camila, naquele momento, era tudo o que eu tinha, era a responsável por trazer minha desordem emocional a níveis inéditos de estabilidade. Ainda argumentei por uns minutos, mas era inútil: só me restava engolir o orgulho e aceitar a proposta. Camila voou sobre mim, começou a me beijar, ai, gato, cê vai ver, isso vai ser genial. Sufocado pelos carinhos da minha namorada, eu tentava com todas as forças embarcar naquela onda de euforia, mesmo que no fundo tivesse a sensação de que havia algo de errado, que um dispositivo sinistro acabara de ser acionado e agora só me restava seguir em frente e, com o rabo entre as pernas, esperar pelo desastre.

Desde o início da viagem Camila se mostrou preocupada em me deixar à vontade. Aproveita a cidade, ela repetia, não quero que você se sinta preso a mim. A ideia era encarar o cotidiano como se estivéssemos em São Paulo: vivíamos juntos, mas cada um tocava sua vida. Parecia tudo muito saudável, eu passava o dia caminhando, no fim da tarde nos encontrávamos em algum bar e ali ficávamos, bebendo mojito e falando pelos cotovelos. Camila achava graça do meu hábito de frequentar os lugares turísticos, a “Havana pasteurizada” que não tinha nada a ver com a “Havana real”. Não demorava e a conversa voltava ao projeto dela, às figuras que tinha conhecido no bairro chinês, à gravação que faria no sábado com um pessoal nos arredores do Cerro. Ela me falava das ideias que norteavam seu filme, de seu interesse pelo fragmento, pelo inacabado, porque todo realismo é ambíguo, e olhar é interpretar, e não existe imagem que não reflita uma visão pessoal sobre o mundo...